

A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA NOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO PARANHANA (RS)

Daniel Luciano Gevehrⁱ
Marlise Regina Meyrerⁱⁱ
(FACCAT)

Resumo:

O artigo analisa a memória visual da colonização alemã na região do Vale do Paranhana (RS), através das imagens fotográficas produzidas pelas famílias alemãs e descendentes, desde meados do século XIX até a primeira metade do século XX. O estudo fundamenta-se nas questões relativas à representação e memória. Esta análise pode ser entendida como uma “*história social do lembrar*” (Burke, 2000, p.73), que, partindo do conceito de “*memória coletiva*” (Halbwachs, 2004), preocupa-se com a investigação dos princípios de seleção da memória. A relevância do trabalho está na especificidade das fontes visuais, que permitem um alargamento das interpretações, possibilitando “*imaginar o passado de forma mais vívida*” (Burke, 2004, p.15), partindo de uma perspectiva - a visual – em grande parte negligenciada pelos estudos de imigração.

Palavras-chave: Fotografia; Imigração Alemã; Memória; Representação Social.

Introdução

A pesquisa tem como tema a investigação da memória visual da colonização alemã na região do Vale do Paranhana (RS), produzida através das imagens fotográficas presentes entre as famílias alemãs e seus descendentes, desde meados do século XIX até a primeira metade do século XX. Ao privilegiar esta fonte de análise, partimos do entendimento da fotografia enquanto narrativa coletiva do grupo, num processo de (re)construção da memória. Partindo do entendimento de que olhar uma fotografia é um rito de manutenção da memória (DUBOIS, 1993), ela é entendida como “*lugar de memória*” (NORA, 1993), sendo um poderoso instrumento de afirmação, reelaboração e difusão de valores, crenças, tradição e modos de vida do grupo, ou seja, atua como construtora de representações que fixam identidades coletivas e individuais.

A fotografia será analisada como “*trabalho social de produção de sentido*”, nos seus usos sociais e pessoais, como documento de sociabilidade, “*como expressão da diversidade de mentalidades e de perspectivas*” (MARTINS, 2008, p.18) O estudo fundamenta-se na história cultural, mais especificamente nas questões relativas à representação e memória. Esta análise pode ser entendida como uma “*história social do lembrar*” (BURKE, 2000, p.73), que, partindo do conceito de “*memória coletiva*” (HALBWACHS, 2004), preocupa-se com a investigação dos princípios de seleção da memória .

A relevância do trabalho está na especificidade das fontes visuais, que permitem um alargamento das interpretações sobre a dinâmica que envolve a história da imigração alemã no Vale do Paranhana, cujos princípios remontam a primeira metade do século XIX. Dessa forma, acreditamos ser possível “*imaginar o passado de forma mais vívida*” (BURKE, 2004, p.15), partindo de uma perspectiva - a visual – em grande parte negligenciada pelos estudos de imigração, fato inversamente proporcional à quantidade deste material disposto nos acervos das regiões de imigração alemã do Estado. O trabalho insere-se, assim, na “virada pictórica” de que nos fala Peter Burke, integrando os estudos que tomam a fotografia como “evidência” e ou “indício” da história social.

Entendemos que o sul do Brasil é um pólo de referência da imigração alemã, onde se concentra o maior número de indivíduos dessa descendência bem como de comunidades que ainda mantém fortes características étnicas. Desde o início de sua instalação em território brasileiro, os grupos de imigrantes preocuparam-se com a preservação da memória, tanto familiar quanto coletiva. Esta preocupação esteve presente na fundação das diversas associações culturais e recreativas, bem como de Igrejas e escolas de caráter étnico, criadas desde os primórdios de imigração no Estado, num processo de “*institucionalização de identidades*” (WEBER, 2008, p. 236).

Sendo os imigrantes, por definição, indivíduos desconectados espacialmente de seu passado, vivendo uma situação de duplicidade de identidade, ocupando um “*lugar bastardo entre o ser e não ser social*” (BOURDIEU, 1998, p. 11), a construção de lembranças tornou-se fundamental na (re)elaboração de sua identidade no novo território, na medida em que a memória, na sua acepção mais básica, é a presença do passado. Porém, não o passado em si, mas a sua representação seletiva, sendo que esta seleção - o que esquecer e o que lembrar - é definida pelo grupo familiar, social, étnico, nacional. É o que Halbwachs (2004) define como memória coletiva.

A narrativa, seja ela oral, escrita ou visual é fundamental na (re)elaboração dessa memória, na (re)construção e fixação da identidade do grupo, na medida em que ela passa a ser compartilhada pelo membros da família e circula através das gerações. A fotografia, ao rememorar os acontecimentos passados, ao mesmo tempo em que se distancia do episódio vivido, dá continuidade a ele. Ela funciona como um “*certificado de presença*” (BARTTHES, 1984, p. 129), é a marca da existência das pessoas conhecidas e dos fatos ocorridos (MAUAD, 1996).

Porém a fotografia, como rememoração do passado, também é condicionada pelo social, desde a escolha de momentos que devem ser fotografados (ritos) e os que não

merecem tal registro; o olhar do fotógrafo e para quem se destina a foto. Todos esses elementos fazem da fotografia um recorte do real, um fragmento congelado do tempo passado para que ele se perpetue no futuro, símbolo selecionado para registrar e fixar a imagem de uma época. A fotografia, assim, possibilita que “*cada família construa uma crônica visual de si mesma*” (SONTAG, 2008, p. 19) na medida em que produz suas próprias imagens, edificadas como testemunhos de sua experiência de vida.

Em busca dos álbuns e dos registros fotográficos das famílias alemãs

É incontestável a quantidade de material fotográfico produzido pelo grupo em questão. Talvez, por isso, Silva (2008) diga que os “*imigrantes tornam-se veementes tiradores de fotos*“. Para quem frequenta os muitos eventos, comemorações, seminários, que abordam a temática da imigração alemã, as exposições das fotografias amareladas dos imigrantes, suas grandes famílias, as escolas étnicas, as festas nas sociedades são algo bastante familiar. No entanto, essas imagens estão ali, na maioria das vezes, apenas como ilustração, ou atestado de uma realidade passada. Da mesma forma, o pesquisador, que alguma vez se dispôs fazer uma pesquisa de campo na região de imigração, já se defrontou com caixas de sapato repletas de fotografias, ou, em algumas ocasiões, com os álbuns guardados como “tesouros da família”.

Parte deste material encontra-se nos diversos acervos destinados à Imigração alemã. Somente o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, situado em São Leopoldo (RS), considerada berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul, guarda um acervo de mais de 10.000 fotografias que estão organizadas em caixas temáticas. Numa categorização preliminar, podemos dividir estas fotografias em imagens institucionais, familiares e publicitárias. Atentamos, ainda, para a presença de um rico e diversificado material fotográfico nas próprias comunidades imigrantes, como é o caso das fotografias analisadas nessa pesquisa. As mesmas são oriundas de doações das famílias imigrantes da região do Vale do Paranhana e que assim constituem o *Acervo FACCAT* de Fotografias.

A partir do levantamento realizado é notória a preocupação das famílias em “tirar” fotografias. Em especial nos ritos familiares e religiosos como casamentos, batismo, comunhão, mas também em relação às tarefas cotidianas, estando aí a representação social do trabalho – traço marcante nas representações sobre os imigrantes. Sabemos, entretanto, que isso não é especificidade deste grupo, pois na sociedade contemporânea, a fotografia passou a fazer parte de todas as cerimônias da vida familiar e coletiva (BOURDIEU, 2006).

Desde o século XIX, portanto, quando a técnica da fotografia ainda engatinhava, as imagens fotográficas produzidas pelos imigrantes eram enviadas aos parentes na Alemanha como um documento/atestado informativo sobre a nova vida. Essas fotografias feitas, muitas vezes, em estúdios, eram precedidas de todo um preparo para criar um registro ideal, a ser deixado para a posteridade. Uma série de elementos simbólicos (vestuário, cenário, postura) moldavam a imagem que se pretendia fixar.

Da mesma forma, as numerosas sociedades recreativas, esportivas, culturais ou esportivas, criadas pelos imigrantes e seus descendentes, também produziram registros fotográficos com o objetivo de registrar/fixar as tradições, os costumes, a cultura germânica e/ou teuto-riograndense. Essas fotografias eram geralmente de domínio público e, muitas vezes, organizadas em álbuns comemorativos da própria sociedade e/ou veiculadas na imprensa local. Também as escolas e as Igrejas fizeram uso deste material com intuito de promoção dos valores étnicos, religiosos ou culturais do grupo.

A fotografia foi difundida, também, por meio de uma atuante imprensa teuto-brasileira. Essa divulgação dependia da linha editorial do periódico, que selecionava as fotos conforme seus objetivos políticos, sociais ou ideológicos. Jornais alemães e outros impressos, como os “*Kalender*” tinham sua posição ideológica bastante clara e as imagens serviram, muitas vezes, para difundir estes ideais. A fotografia de imprensa está sujeita a uma série de limites, não só o ideológico, mas todo o processo técnico de sua produção, assim ela é ressignificada a partir da “*intenção do fotógrafo, sua posição no jornal (lugar, página), o título e a legenda da foto (que nunca é o próprio fotógrafo que redige)*” (KARAN, 2004, p.66).

A pesquisa estuda não a realidade dos imigrantes alemães em si, mas a representação desta realidade elaborada, seja pelo olhar do fotógrafo, do fotografado ou do destinatário da foto. Propõe-se também a estabelecer as conexões entre o visível e o invisível, o que se quer mostrar e o que se quer esconder, identificar os símbolos de identificação que não estão ali aleatoriamente, mas pelo seu significado social. A presença deste acervo fotográfico numa quantidade expressiva em contraposição à diminuta produção historiográfica baseada nesta fonte torna nosso estudo ainda mais necessário no âmbito da história da imigração no sul do Brasil, na medida em que contribui para a ampliação das interpretações desta temática, numa linha historiográfica que se encontra em expansão.

Através do levantamento desse rico corpus documental procuramos discutir os diferentes condicionantes e características que se apresentam nessas fotografias encontradas no ambiente imigrante alemão do Vale do Paranhana. As imagens aqui apresentadas são

apenas parte do acervo documental e revelam imagens e representações construídas ou até mesmo idealizadas sobre o cotidiano dessas pessoas. Tendo essas questões como ponto de partida para nossa pesquisa, passamos a analisar as fotografias que apresentam – em diferentes contextos - as cenas do cotidiano dessas famílias de origem imigrante.

Um dos elementos que mais se evidencia nos registros fotográficos é, sem dúvida, a representação do trabalho e a organização desses imigrantes em associações, uniões, clubes e outros segmentos ligados a vida econômica dessas comunidades. Exemplo disso aparece na fotografia abaixo, em que a *União Colonial Figueira*, fundada em 1935 no interior do município de Taquara, é mostrada pela câmera do fotógrafo. Nela aparece a associação criada pelos moradores da localidade, que viviam basicamente da produção agrícola e que assim buscavam fortalecerem-se através do associativismo, prática bastante presente no ambiente imigrante do sul do Brasil.



ACERVO FACCAT

A ideia de trabalho e cooperação familiar é representada de forma evidente nas fotografias. Esse é o caso da fotografia acima à direita, em que uma família de agricultores descendentes de imigrantes alemães, na década de 1920, é capturada pelas lentes do fotógrafo. Nela se destacam a participação de adultos e crianças, demonstrando que ali todos trabalhavam pelo bem comum, pela prosperidade familiar e pela conquista do sustento. Ao mesmo tempo, a imagem mostra que o trabalho, naquele dia, estava apenas começando, pois a terra estava ainda para ser preparada e que era preciso, para tanto, que a união de todos nessa tarefa de preparar a terra para o cultivo. Afinal, aquele era o lugar de onde se retirava o sustento familiar.

Embora no setor agrícola predominasse a agricultura familiar, a representação masculina, em outros setores, se destaca nas fotografias analisadas, revelando uma

determinada visão de época em que os papéis sociais se associavam diretamente a condição de gênero. Esse é o caso da imagem em que aparecem os trabalhadores da estrada que ligava Taquara ao município de São Leopoldo, que revelam, ao mesmo tempo, as características étnicas distintas que constituíam o grupo de trabalhadores. Entre eles aparecem não apenas a imagem do imigrante, mas também o mosaico étnico que também fazia parte da região. Na imagem, afrodescendentes e mestiços aparecem em meio aos homens de ascendência europeia, recriando um ambiente de suposta harmonia.



ACERVO FACCAT

Em contraposição a ideia apresentada anteriormente, aqui surge a cena em que, exclusivamente mulheres e crianças, são flagradas realizando a colheita da flor de piretro, planta cultivada em larga escala na região para a produção de inseticida. A imagem que associa as flores à mulheres e crianças parece recriar um ambiente de romantismo, mas ao mesmo tempo de trabalho e desenvolvimento, no qual todos participavam das tarefas. Além disso, reforça a ideia de que era na agricultura familiar que mulheres e crianças participavam de forma mais expressiva.



ACERVO FACCAT

Como exemplo de registro do desenvolvimento econômico experimentado pela região no final do século XIX, a próxima fotografia mostra o embarque da produção de farinha de mandioca no *Porto do Passo do Mundo Novo*, em Taquara, provavelmente no final do século XIX. Na cena, o Rio dos Sinos, na época principal meio de ligação entre os centros mais próximos e a capital do estado, aparece como cenário da representação da capacidade associativa dos moradores para a produção agrícola e seu escoamento. A quantidade de fotografias que retratam o rio demonstra sua importância no cotidiano daquelas comunidades, sendo um dos elementos da memória coletiva do grupo. No início do século XX a locomotiva à vapor assumiria papel de destaque na ligação da localidade com a capital, e também alvo privilegiado dos fotógrafos, substituindo, em parte, o rio.



ACERVO FACCAT

Outro exemplo da preocupação com a representação do trabalho aparece na fotografia em que é mostrada a ferraria pertencente a Theobaldo Peters, no distrito de Ilha Nova, atual município de Santo Antônio da Patrulha. Nela a residência da família e o lugar de produção que garante o sustento familiar são apresentados lado à lado, constituindo um mesmo ambiente, onde trabalho e vida familiar – e daí a presença da família que se posiciona em frente a casa para a fotografia – constituem um mesmo cenário. A economia doméstica familiar, assim é sempre registrada, pois é uma característica do ideal de trabalho do imigrante.



ACERVO FACCAT

Como afirmamos anteriormente, a noção de progresso e desenvolvimento se mostram evidentes nos registros fotográficos das famílias imigrantes. Esses momentos que representavam a superação dos obstáculos enfrentados eram bons motivos para se tirar uma fotografia. Nesse contexto, a abertura de estradas que ligavam as picadas e as diferentes localidades do interior da região eram momentos que mereciam ser registrados pelas câmeras do fotógrafo. Dessa vez, a abertura da estrada na localidade de Quarto Frio, na década de 1930 é motivo para pose dos trabalhadores, dentre os quais de destacam homens pertencentes a famílias alemãs da própria localidade em que era executada a obra.



ACERVO FACCAT

O ambiente colonial – em diferentes aspectos - é capturado e registrado pelas fotografias. Nelas aparecem cenas em que os homens – especialmente os homens – posam para as câmeras em situações que procuram mostrar o cotidiano colonial, em meio “a lida” com os animais. Até as crianças são estimuladas, como as da fotografia exposta abaixo à esquerda, a ter contato com os animais desde pequenas, nem que seja segurando um cachorro de estimação.



ACERVO FACCAT

Já na cena apresentada acima à direita, a caça é entendida como troféu de seu caçador. Na luta pela sobrevivência no ambiente colonial e na conquista da mata – a ser desbravada pelo imigrante e também por seus descendentes – o homem mostra, com ares de conquista, as três onças pintadas caçadas por ele na mata da região.

Além do registro fotográfico que reforça a ideia de trabalho e progresso econômico encontrados nos álbuns fotográficos familiares, observa-se a preocupação em registrar as cenas tipicamente familiares. Nessas cenas, a família faz uma pausa nas tarefas cotidianas e se prepara para o registro. Essas fotografias, por sua vez, revelavam características e questões, muitas vezes, que passavam despercebidas pelas lentes do fotógrafo, mas que num olhar mais atento representavam situações familiares particulares. No caso da fotografia abaixo à esquerda, a família revela (possivelmente) determinado poder aquisitivo, uma vez que suas roupas e até mesmo o cuidado com os cabelos e, no caso dos homens, com o cabelo e o bigode bem aparados, nos permite imaginar que a família gozava de uma situação econômica privilegiada se comparada a maioria.



ACERVO FACCAT

Já em situação oposta certamente encontrava-se a família que se apresentava na fotografia acima à direita. Nessa família de prole numerosa percebe-se claramente, como na anterior, a hierarquia familiar, estando o pai e a mãe sentados em meio à prole. Nessa imagem, chama especial atenção o fato das crianças estarem descalças. A realidade, entretanto, precisava ser mascarada, recorrendo-se então a pequenos arbustos criados artificialmente para cobrir os pés das crianças descalças.

Nas duas imagens seguintes aparecem recortes da vida social. Na primeira a saída da missa é capturada pelo fotógrafo que se coloca estrategicamente para construção do cenário. Na fotografia, homens e mulheres, de diferentes idades, cumprem seu dever religioso de comparecer a Igreja, rito que constitui uma das atividades mais significativas do ambiente imigrante, independentemente de serem católicos ou protestantes. Já na segunda fotografia é flagrada uma atividade festiva na Sociedade 05 de Maio, fundada pelos imigrantes alemães ainda no século XIX em Taquara.



ACERVO FACCAT

A vida familiar aparece, ainda, retratada em outras fotografias, como nas que seguem. O casal da fotografia apresentada abaixo, à esquerda, aparece com roupas que certamente eram usadas apenas para momentos especiais. Ao mesmo tempo as feições de seriedade e a decoração bastante simples, de acordo com as condições de sua época e lugar, conferem a cena um ar tipicamente associado ao ambiente colonial. Esta é uma foto típica de estúdio fotográfico com um cenário montado. Certamente o casal produziu-se para a foto.



ACERVO FACCAT

Na cena acima à direita, o casal com sua única filha, se posiciona para o fotógrafo. A cena revela a hierarquia do casal, cujo marido aparece sentado segurando um guarda-chuva, que poderia significar naquele momento uma espécie de símbolo de poder. As roupas escuras – à exceção da menina – conferem seriedade ao casal.

No ambiente imigrante ao qual nos referimos é notória a preocupação com o registro dos rituais religiosos, como aparece na fotografia em que a menina está vestida para sua Primeira Comunhão. O branco presente na roupa da criança revela a pureza e a inocência de sua idade, sendo aspecto recorrente nas fotografias que flagravam crianças e jovens em rituais religiosos. As roupas pretas, ao contrário, aparecem nas fotografias dos adultos, como é o caso daquelas que mostram os casamentos celebrados na região. Vale lembrar que, na maioria das vezes, os registros fotográficos eram feitos em datas posteriores ao do rito religioso, de acordo com as possibilidades do fotógrafo ou até mesmo de acordo com as condições econômicas do casal que estava se casando.

Em muitos casos, observamos que, em caso de poucas condições econômicas, os rituais religiosos, como o batismo, a confirmação e o casamento, eram os únicos eventos registrados pela máquina fotográfica. Afinal, trazer o fotógrafo e seu equipamento para algumas localidades mais distantes era relativamente caro para o bolso de muitos colonos alemães. Já para aqueles que desfrutavam de situação econômica mais favorável a fotografia se tornava motivo para registro de diversos episódios da vida cotidiana da região do Vale do Paranhana.



ACERVO FACCAT

Notamos, ainda, a preocupação de muitas famílias em registrar as cenas relacionadas ao exercício, ainda que simbólico, da cidadania. Na cena exibida pela fotografia percebemos a comemoração de 07 de Setembro, por parte de um grupo de alunos da comunidade. Tendo a bandeira brasileira ao centro, os alunos e sua professora posicionam-se para o registro fotográfico, em pleno Estado Novo. O sentimento de brasilidade naquele período histórico precisava ser demonstrado – explicitamente – por parte das comunidades imigrantes do Brasil e, no caso, do Vale do Paranhana, a situação que se apresentava não era diferente das demais áreas imigrantes do Brasil.



ACERVO FACCAT

Em meados do século XX o desenvolvimento econômico e social da região permitiu aos imigrantes e seus descendentes dispor de mais tempo para o lazer. Na última imagem apresentada, moradores de Taquara se divertem promovendo um desfile carnavalesco,

percorrendo de automóvel as ruas do centro da cidade em ascensão. Naquele momento, o automóvel já era visto como símbolo de prosperidade e ascensão social, merecendo para tanto o clique do fotógrafo, que registra atentamente as festividades que perpassam as ruas e avenidas da cidade, que se destacava naquele momento como centro regional de desenvolvimento do Vale do Paranhana.



ACERVO FACCAT

A fotografia, nesse caso, congela no tempo a ideia de progresso presente no discurso imagético produzido por esses imigrantes. A coleção de fotografias exposta nos álbuns familiares era, portanto, motivo de orgulho dessas famílias, que tinha como costume, mostrar o álbum às visitas dos amigos e familiares – próximos ou distantes – que freqüentavam a casa.

Considerações finais

Ainda que brevemente, observamos que as fotografias presentes na área de imigração do Vale do Paranhana constituíram-se num importante instrumento de registro e fixação da memória coletiva do grupo. A fotografia nesse caso era a forma de deixar para as gerações futuras, parte da história de suas trajetórias familiares e comunitárias, evidenciando através das lentes do fotógrafo, especialmente contratado para “tirar as fotos”, suas experiências de vida, associadas ao âmbito da família, mas acima de tudo, relacionadas intimamente aos aspectos econômicos, religiosos e sociais da vida cotidiana da comunidade. Essas evidências se tornam perceptíveis na medida em que temos acesso a essas fontes, que assim passam a ser “lidas” pela história.

Os álbuns de fotografias, preservados por muitas famílias até os dias atuais, se colocam como importantes e significativos lugares de memória da imigração alemã no Vale

do Paranhana. Através da imagem produzida pelas lentes do fotógrafo se pode analisar, não apenas o ambiente de época e seus diferentes elementos figurativos, mas acima de tudo, compreender a história dos alemães no sul do Brasil a partir das imagens construídas e difundidas pelo próprio grupo. Assim temos acesso a produção simbólica desse grupo social, que acabou, construindo ideias e valores que fundamentaram sua dinâmica social e acima de tudo, determinando uma certa imagem de si.

Finalmente, constatamos que a imagem fotográfica não se coloca como apenas um elemento ilustrativo da história da imigração, mas sim como fonte de análise para a história. Isso se mostra atraente, não só em contextos em que os registros escritos se fazem - às vezes, ausentes para o trabalho do historiador, mas também como alargamento das possibilidades de interpretação dos documentos escritos, na medida em que, em conjunto com outras fontes, a fotografia pode nos revelar outros aspectos da realidade que não estão explícitos nos registros escritos, mas que podem emergir da análise cuidadosa das imagens entendidas, assim, não como provas da realidade, mas como “testemunhos” como nos ensina Peter Burke.

Referências

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales: memórias e esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

BOURDIEU, Pierre. "Um analista do inconsciente", In: *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, 1 ed. São Paulo: Edusp, 1998, pp. 9-12.

_____. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia. Política*. UFPR, Curitiba: v. 26, p. 31-39, jun. 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DUBBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas. São Paulo: Papirus, 1993.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

KARAM, Tanius. Fotografia jornalística, discurso visual e direitos humanos na imprensa da cidade do México. In: *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 63-90.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

_____, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. (Coord.) *Memória e história*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984b. p. 11-51. (Enciclopédia Einaudi, vol. 1).

LIPPI DE OLIVEIRA, Lúcia. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>, acessado em 02/11/2010.

_____. Fotografia e História, possibilidades de análise. In.: *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *et al. Os alemães no sul do Brasil : cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, vol.1, n. 21, 1998/1.

- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História PUCSP, n° 10, p. 07-28, dez. 1993.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte na renascença. In: *Significado nas artes visuais*. Trad. Maria Clara F. Kneesse e Jacó Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est. Graf. S. Terezinha, 1934.
- POSSAMAI, Zita Rosane. 'Entre lembranças e esquecimentos, o Rio Grande do Sul nos lugares de memória'. In: *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002, p. 335-351.
- ROCHE, Jean. *A Colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil até o ano de 1859*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS / São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- SILVA, Denise T. da. *Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias*. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências da Comunicação, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: *Campos Múltiplos: identidade, cultura e história*. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, 2008. p. 257-269.

ⁱ Doutor em história pela UNISINOS e professor na FACCAT, ISEI e IENH. Integrante do grupo de pesquisa “A história dos alemães no Vale do Paranhana (RS) através dos registros fotográficos” (FACCAT).

ⁱⁱ Doutora em história pela PUCRS e professora na FACCAT e UNISINOS. Integrante do grupo de pesquisa “A história dos alemães no Vale do Paranhana (RS) através dos registros fotográficos” (FACCAT).